

Impressões sobre o Congresso de Milão

Impressions the Milan Convention

*Gabriel Silva Xavier Nascimento**

Doutorando em Educação Especial (UFSCar) e em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência (Unifesp), Mestre em Educação (Ufes), Especialista em Libras (Finom), Especialista em Educação Especial e Inclusiva (UCM), Licenciado em Letras Português-Inglês (Uniube), atua como Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico na área de Letras - Língua Portuguesa e Libras no Instituto Federal de São Paulo, integrante do grupo Grupo de Pesquisa em Inclusão Social-Educacional e Formação (Isef) e do Grupo de Pesquisa em Educação de Surdos, Subjetividades e Diferenças (GPESDi). Tem experiência na área da Educação, com ênfase no ensino de língua portuguesa, língua inglesa e língua brasileira de sinais atuando principalmente nos seguintes eixos: acessibilidade para surdos e formação para professores e tradutores e intérpretes.

 <https://orcid.org/0000-0001-9308-7296>

*José Raimundo Rodrigues***

Doutorando em Educação (PPGE-UFES), Mestre em Educação (UFES), Mestre e doutor em Teologia Sistemática (FAJE-BH), licenciado em Filosofia pela PUC-MG, atua como Professor do Ensino Básico na rede municipal de ensino de Vitória - ES, integrante do GIPLES (Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Libras e Educação de Surdos). Tem experiência na área da Educação e pesquisa história da educação de surdos em documentos do século XIX.

 <https://orcid.org/0000-0002-3922-1105>

*Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado****

Doutora (2012) e Mestre (2007) em Educação pelo Programa de Pós graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE- UFES). Fez estágio pós-doutoral, em Educação (2015) pelo Programa de Pós graduação em Educação da Universidade Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), financiado pela bolsa PNPd/CAPES. Estágio pós-doutoral em andamento pela Universidade Federal de São Carlos.

 <https://orcid.org/0000-0002-7385-6243>

Recebido em: 19 set. 2020. **Aprovado** em: 17 jun. 2021.

Como citar este artigo:

RODRIGUES, José Raimundo; VIEIRA-MACHADO, Lucyenne Matos da Costa; NASCIMENTO, Gabriel Silva Xavier. Impressões sobre o Congresso de Milão. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 10, n. 3, p. 310-319, set. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10062012>

*  gabriel.nascimento@ifsp.edu.br

**  manuletrasufcg@gmail.com

***  jrrzenga@yahoo.com.br

Ao entrar pela primeira vez no salão onde se dava as sessões do Congresso Internacional dos Instrutores dos Surdos-Mudos, achei difícil me livrar da impressão de que eu tinha me detido no lugar errado. Não estaria me intrometendo – assim pensei por um momento – ao me deparar com uma convocação eclesiástica solene, em que se discutia pontos da doutrina ou do governo da igreja, a respeito dos quais os leigos não têm voz nem voto? Por todo lado se via coroas raspadas e batinas pretas. Os assentos ao longo do salão preenchidos por uma massa negra de sacerdotes, sentados em profundo silêncio, seus rostos lisos-barbeados em expressão de decorosa atenção. No palanque a frente presidia o abade Tarra, trajado segundo sua ordem religiosa, flanqueado em ambos os lados por indivíduos com as mesmas vestes sacerdotais, enquanto à esquerda aparecia uma fila de freiras com hábitos escuros e capuzes brancos. Estes aspectos do congresso causaram uma impressão tão surpreendente e decisiva que somente mais tarde pude observar que havia outros participantes nos procedimentos além dos padres. Possivelmente um quarto dos membros não trajavam túnicas sacerdotais.

Evidentemente, a Igreja Católica Romana, através de seus ministros e ordens religiosas, mantém uma visão tão atenta e constante sobre a educação dos surdos quanto o faz em relação à educação dos ouvintes e falantes. Também é notório que a maioria desses sacerdotes, senão todos, imprimem em seus trabalhos zelo e auto devoção honrados por muitos que acabam os imitando, ainda que não concordem com eles nas questões religiosas. Desprovidos de vínculos familiares ou de cuidados, sem entraves pela ânsia de acumular mesquinha, sem serem incomodados pelos apelos da ambição mundana, são capazes, se quiserem, de se dedicarem às suas tarefas como ninguém mais. Parece ser um fato que a maioria deles assim escolher fazer, mas o que é surpreendente, quando se considera as vantagens e oportunidades que os cercam, não é que eles tenham realizado tanto, mas que eles não tenham realizado *mais*.

Isso parece proceder, especialmente em relação àqueles que usaram o método francês, ou a linguagem de sinais com meio de instrução. Os sinais empregados por eles, tanto quanto eu poderia julgar, pareciam rudimentares e inadequados em comparação àqueles que usamos em nossas escolas americanas. Faltava-lhes polidez, refinamento, expressão. Eles empregavam uma abundância de gestos que materializavam imagens para os olhos mentais dos alunos, mas

poucos que poderiam conduzi-los aos reinos superiores do pensamento. Os palestrantes do congresso que defendiam o método oral de instruir surdos-mudos insistiam, e, no que tange a este grupo de indivíduos entre os ouvintes como efeito de evidência, na inadequação, para não dizer ofensa, no uso de sinais como um meio para transmitir ideias morais e intelectuais de um tipo elevado. Em meio aos aplausos da maioria de seus ouvintes, o abade Tarra afirmou, como um fato indiscutível, a impossibilidade de transmitir por sinais quaisquer ideias do Ser Divino, indicando como possibilidade apenas ideias grosseiras, materiais e falsas. Mas o que ele fez no intuito de ilustrar foi o sem sentido, senão enganador gesto de apontar com o dedo indicador para o teto. Se ele tivesse pedido que o Dr. Peet ou qualquer um dos *gallaudetianos* presentes fizesse o sinal apropriado, nem toda a sua eloquência e entusiasmo teriam surtido efeito para tornar seu argumento convincente. Em outros momentos, os gestos que ele empregou, para mostrar a inferioridade dos sinais em termos de clareza e precisão, foram muito bem pensados visando enfatizar suas afirmações. É possível que ele tenha cedido à farsa ou caricatura intencionalmente, mas é muito mais provável que ele tenha atribuído a si, uma ilustração para o fato que mencionei – de que os professores europeus são muito mais piores que nós na produção de sinais científicos. Caso a suposição correta seja esta última, por ser italiano e, conseqüentemente o mais familiarizado que possa ser com a gesticulação e, por provavelmente emprega-la de uma forma insensata e na frequência desnecessária que muitos de nós professores fazemos, seu insucesso com os alunos no que diz respeito ao uso dos sinais, sobre o qual ele tinha tanto a dizer, pode ser facilmente explicado, e a reprovação que ele agora demonstra em relação a eles é, em parte, justificado. Digo, em parte, devido ao seu grande e notável sucesso depreendido dos esforços para ensinar a articulação aos surdos-mudos, que pode, naturalmente, tê-lo levado ao desfavorecimento convicto de qualquer outro método, quer ele tenha experimentado ou não.

Ao caracterizar assim o seu sucesso, não quero insinuar que seja o maior ou mais notável do seu tipo, tampouco do que o alcançado nas nossas escolas americanas com o método de sinais, pois é, no meu julgamento, um êxito menos uniforme e mais esporádico.

Em certos aspectos, os italianos, que empregavam o método oral, possuem vantagens excepcionais. Suas turmas são pequenas, e o número de professores grande. Sabe-se que há um instrutor para cada seis ou oito alunos. Foi-me assegurado por uma das professoras que, no Instituto Real em Milão, a média raramente passava de mais de três alunos por professor. O que

a faz pensar ser esta, parcialmente, a razão para o sucesso incomum obtido. Sua própria linguagem, como todos admitem, é admiravelmente calculada para auxiliar seus esforços. A mobilidade extrema e expressividade do semblante italiano contribui significativamente. Logo, os gestos que os italianos usam corriqueiramente e frequentemente de forma inconsciente enquanto falam, bastariam para expressar ideias sem empregar a voz. Os italianos são sinalizadores natos. O inglês deles pode ser inútil, seu alemão impossível de entender e seu francês intraduzível, mas seus sinais compensam todos os demais. Não se confunde o que um italiano pretende dizer quando ele sinaliza. Repetidamente, na Itália, descobri que onde meus conhecimentos em inglês ou francês eram inúteis, a linguagem de sinais serviria para qualquer propósito necessário. Eu descobri que os italianos, sejam camponeses, comerciantes, funcionários de hotéis ou oficiais ferroviários, quando abordados em sinais eram ágeis para apreciar a observação feita e solícitos para responder na mesma linguagem. Lembro-me, enquanto escrevo, de uma longa e interessante conversa com um companheiro de viagem ocasional enquanto passava pelo túnel do Monte Cenis em uma linha ferroviária. Nesta viagem falamos de quase todos os assuntos possíveis que poderiam surgir em conversas entre dois viajantes, e ele me forneceu uma quantidade surpreendente, valorosa e exata de informações sobre o próprio túnel, e sobre países e cidades que ele havia visitado ao longo de suas jornadas como viajante comercial. Os sinais eram o nosso único meio de comunicação, mas foram suficientes. Acredito que alguém que possa conversar em sinais poderia, caso queira, viajar de uma ponta da Itália à outra sem ter que recorrer à fala ou a escrita, e que provavelmente não encontraria metade dos percalços e incompreensões que viajantes estrangeiros normalmente enfrentam neste país.

Foi dito repetidas vezes pelos defensores do método oral em Milão, que eles excluíram das salas de aula todos os gestos, exceto aqueles que eram comumente usados pelas pessoas falantes. Fica perceptível que, quando o professor italiano faz essa exceção ela se torna muito abrangente. De fato, ele abre a porta para admissão de todo o vocabulário gestual empregado pelos italianos e que, dificilmente ou de forma nenhuma, é menos extenso que o usado por muitos surdos-mudos.

Certamente, sob essas circunstâncias, não parece de todo razoável que os conterrâneos do abade Tarra atribuam, exclusivamente à articulação, todo ou qualquer sucesso por eles obtido na educação dos surdos e mudos.

Sei, por ter observado pessoalmente, que seus alunos usam sinais em maior ou menor grau nos horários fora da escola. Ao longo da semana do congresso foram realizadas várias exposições dos alunos das duas escolas de Milão para fundamentar o “método oral puro”. Enquanto ocorriam as exposições, eu costumava notar pequenos grupos de alunos reunidos fora das salas de aula, provavelmente aguardando sua vez de serem expostos. Eles falavam e gesticulavam junto o que, ainda que de forma animada, parecia mais forçado que elegante, intercalado com tentativas de fala e leitura labial. Duas ou três vezes, um grupo, ao notar minha atenção observando sua conversa, abruptamente parava com os sinais que estavam usando como parte do diálogo, provavelmente reconhecendo entre os espectadores algum membro do congresso de agosto, na qual seus instrutores buscavam causar certa impressão. Algum tempo depois, ao me aproximar de um dos grupos, eu inquiri em sinais se eles alguma vez fizeram uso dos sinais. A resposta foi um vazio perplexo em cada rosto, e então, uma balançar negativo das cabeças de forma generalizada. Mas quando eu os lembrei do que eu havia observado há pouco, eles se declararam culpados, com um sorriso característico, como quem comeu um fruto proibido da árvore do conhecimento, e então, tivemos alguns minutos de conversa prazerosa. Possivelmente, pode ser que eles tenham falhado em compreender minha pergunta a princípio ou tenham a compreendido de forma equivocada. Agora, pode não ser apropriado inferir que os sinais não fossem inteiramente desconhecidos dentro das salas de aula, já que eles eram tão frequentemente empregados fora delas, mas é difícil me abster de tal dedução.

Essas exposições, entre as quais eu incluo a performance teatral apresentada pelos alunos do Instituto Royal durante a qual a fala foi utilizada, intensificou o entusiasmo dos defensores de *la parole*, e suscitou a admiração e o encanto da parte não profissional da audiência. Mas se eles ficaram aquém de alcançar a medida desejada de sucesso em seu objetivo principal - que era convencer, todas as pessoas profissionalmente envolvidas na instrução dos surdos-mudos, da superioridade incontestável do método oral sobre todos os outros métodos ou sistemas – um dos motivos se deve ao fato de ter se instaurado até o último momento nas mentes de alguns dos instrutores mais experientes e observadores presentes, uma incerteza frequentemente somada a uma falta positiva de confiança em determinar se tudo era exatamente o que parecia ou era apenas uma encenação. Havia evidências de uma longa preparação, muita dissimulação e manejo pessoal para causar o efeito mais impressionante. Havia, em cada caso exibido, uma ausência aparentemente orquestrada de informações

especialmente vitais e determinantes. Na dramática exposição, as maiores ovações da noite se destinaram aos alunos que – conforme me informaram meus vizinhos, eles mesmos italianos e professores de articulação – não eram surdos congênitos, e provavelmente aprenderam a fala antes de ingressarem na instituição. Não teria sido mais justo, para não dizer mais sábio, ter apresentado para tais fins apenas aqueles cujo ensino da articulação teria dado conta de tudo, e a capacidade prévia de ouvir não teria propiciado nada?

Havia uma abundância de materiais apropriados nos institutos de Milão, e, fora deles, alguns casos realmente surpreendentes de sucesso alcançado através do método oral chegaram à minha observação. Conheci um jovem tão habilidoso em leitura labial, e cuja voz detinha tamanha flexibilidade e excelência, que seria possível conversar com ele por muito tempo até que se descobrisse que ele era totalmente surdo. Ele me disse que em sua profissão, que era a de fotógrafo, ele nunca teve que recorrer à escrita. Deveras, duvido que ele precisasse recorrer a ela mesmo por razões coloquiais. Ele fez questão de estar presente nas sessões do congresso, onde suas habilidades de leitura labial o permitiam compreender os trabalhos quando se falava em italiano. Eu o observei, certo dia, no centro de um círculo de falantes entusiasmados, perguntando e respondendo questões relacionadas à *la parole* com uma rapidez inimaginável em alguém tão surdo. Nascido surdo, até os dez anos de idade ele era incapaz de falar uma palavra sequer. Por dez anos seguintes ele esteve sob instrução na escola do abade Tarra. No que diz respeito a inteligência e conhecimentos gerais ele se equiparava a qualquer um. No entanto, me pareceu sugestivo o fato de que frequentemente eu via ao seu lado, aparentemente seu parceiro preferido, um surdo-mudo igualmente inteligente, que passou pelo mesmo curso de instrução, mas usava sinais e escrita quase o tempo todo, por considerar sua voz inútil para fins de conversação e a si mesmo um fracasso como leitor labial.

Outra vez, observei um grupo de quatro homens se aproximarem de uma fiacre na porta do Hotel Pozzo. Reconheci um deles como aluno de uma das escolas italianas. Ele conduziu seus companheiros até à carruagem, sentaram-se lá dentro e ele falou com o boleeiro, aparentemente a respeito da rota e pagamento, deu a ordem para partir e, enquanto o veículo desaparecia, ele se ocupada em conversar com os três companheiros. Ele assimilou as maneiras e trejeitos dos outros tão complementemente, que parecia absolutamente incrível que ele tivesse sido forçado a usar os olhos como eles usam os ouvidos. Eu o vi repetidas vezes daí em diante, ele sempre se valia dos olhos e da voz – nunca sinalizava – e praticamente se virava em

todos os aspectos como se pudesse ouvir tão bem quanto qualquer outra pessoa, e, devo acrescentar, como se fosse tão bom quanto qualquer pessoa.

Havia muita coisa interessante no congresso. Os palestrantes eram geralmente entusiasmados, fervorosos, convincentes, e frequentemente eloquentes. Caso alguém divagasse, ainda que suas intenções estivessem de acordo com a maioria entretida, seria calado sem excessiva cerimônia. Monsieur Magnat, de Paris, tomou a precaução de imprimir um volume dissertando sobre os assuntos antes do congresso, na expectativa de que os presentes o ouvissem ler em admirado silêncio, mas rapidamente votaram para que ele retornasse ao seu assento, o que ele fez com semblante expressivo de extrema indignação, e murmurando ameaças de retaliação. Os organizadores pareciam bem resolvidos que, o que quer que se dissesse sobre o Congresso Internacional, o crime abominável de ser enfadonho jamais lhe seria imputado. É verdade que foi um acontecimento unilateral, em que os defensores do método oral conduziram desde o princípio de sua maneira, mas não se tratava de maneira alguma do triunfo da força bruta. Seus homens mais hábeis, mais enérgicos e mais eloquentes estavam presentes. O próprio abade Tarra era um anfitrião: entusiasmado, cativante, eloquente, constantemente seguro na defesa do seu sistema favorito, sempre pronto para interpor seu escudo de presidente do congresso, contra qualquer investida divergente. A plenitude com a qual ele se identificava com seus objetivos e mecanismos poderia sugerir, apropriadamente, que o encontro de Milão fosse renomeado de Congresso *In-tarra-nacional*. O presidente Tarra tinha um hábil assessor na secretaria francesa, o abade Guerin, proveniente de Bordeaux, cujos olhos escuros e melancólicos, rosto nobre e presença imponente só cativavam menos os olhos do que o fluxo suave e persuasivo de frases que saíam de seus lábios encantando os ouvidos, fisingando onde os olhos não convencessem. Depois, havia o Hugentobler, de Lyon, que, embora tenha falado comparativamente pouco, fez com que esse pouco falasse muito. Também digno de menção nesta filiação, era o abade Balestra, apropriadamente brindado em um de nossos jantares como “O Cavaleiro Errante de La Parole”, a lança cuja brilhante eloquência, por vezes vagante, estava sempre ao serviço de sua enamorada. Impressionou-me também o peso dado pelo semblante firme e sério dos apoiadores à causa da articulação, tais como o Sr. e a Sra. St. John Ackers, abastados e de elevado padrão social.

Este pode ser o lugar apropriado para mencionar os irmãos franceses de St. Gabriel. Eram dezoito presentes no congresso, sempre disponíveis, e assistiram os trabalhos de forma

atenta e inquieta. Como grupo religioso, eles, como compreendo, devotaram-se à instrução dos surdos-mudos, empregando o francês antigo ou método de sinais. Seus rostos eram de expressiva gentileza e benevolência. Muitos dos sinais que eles utilizavam, eram aqueles que Gallaudet e Clerc originalmente importaram da França, e minha familiaridade com estes sinais e o fato de eu ser americano, tornou-se um passaporte em seu favor e um incentivo à sociabilização. Eu presumi que eles estivessem insatisfeitos com a parcialidade, em relação ao sistema oral evidenciada no evento, por se tratar de um grupo oficial. E que suas perspectivas sobre a educação se alinhavam com as expressas pelos senhores Gallaudet e Peet. Conforme um deles me confidenciou, o fato de o italiano ter sido eleito língua do congresso ao invés do francês como se esperava, os colocou em grande desvantagem em qualquer esforço para defender seu sistema e os princípios a ele atrelados. Não obstante, era evidente que pretendiam se pronunciar antes do encerramento dos trabalhos. E assim ocorreu, finalmente. Foi com muito interesse que observei um irmão de cabelos brancos, com rosto magro e gasto pelas vigílias da madrugada ou excesso de jejuns, emergir do grupo de St. Gabriel e se dirigir ao palanque. Foi com grande surpresa, no entanto, quando compreendi que seu discurso consistia em uma reformulação dos erros do método francês, e um reconhecimento incondicional da superioridade do método italiano. Percebi que não havia unanimidade de apoio ao seu discurso entre os demais irmãos de St. Gabriel, mas ninguém se pronunciou. Pode ser que o rito os tenha induzido ao silêncio por se tratar de um irmão mais velho e de posto possivelmente mais alto. A retórica dos articulacionistas e os resultados que eles apresentaram, devem ter sido mais surpreendentes e convincentes para ele do que para nós transatlânticos. Não há outra explicação para uma mudança tão radical e inesperada de opinião considerando sua longa experiência de vida e observação.

No entanto, houve momentos em que os membros do congresso, mostraram-se esgotados pela apresentação incessante de argumentos provando, ou tentando provar a superioridade incontestável da *la parole*, e deduzi que receberam de bom grado quando o presidente Gallaudet fez a leitura em francês do seu artigo sobre Ensino Superior e a Universidade Nacional dos Surdos-Mudos. Suas atenções lhe foram completamente direcionadas com interesse, e ao final houve uma calorosa onda de aplausos e votos de agradecimento.

Caminhando para o fim deste artigo, desejo informar, a todos que se deram ao trabalho de lê-lo, que tenho consciência tanto quanto vocês, do meu fracasso em assumir um posicionamento exato e definitivo em relação aos dois métodos, aparentemente antagônicos, isto é, o sistema de articulação e o de sinais. Isto se deve ao fato de eu considerar que ambos os sistemas apresentam vantagens e desvantagens. Caso eu me detivesse em observar apenas um lado, não incorreria em expressar opiniões menos corretas, mas elas certamente teriam sido mais deliberadas e ancoradas nos aspectos positivos. Mas, como diz Arthur Help? “O conhecimento traz inquietações, exceções e limitações, as quais, ainda que em alguns casos conduzam à verdade, constituem, em sua totalidade, obstáculos para assunções resolutas”.

Na verdade, embora eu suspeite que muito tenha sido reivindicado em favor da articulação em Milão, sei que nos Estados Unidos essas discussões não tiveram o mesmo espaço até muito recentemente. A linguagem gestual apresenta vantagens incomparáveis no que diz respeito à instrução, mas não ocupa ainda um lugar subordinado no contexto da sala de aula: É fato que não se deva permitir que ela usurpe o lugar da soletração manual e da língua escrita. Em muitas das salas de aulas americanas ela tem sido empregada incansavelmente e de forma desnecessária. Um tempo precioso e oportunidades valiosas de inculcar nos estudantes uma noção correta e bom uso da língua são desperdiçados. Surdos-mudos têm sido designados como professores quando sua única qualificação se resume a serem sinalizadores hábeis. Professores falantes têm sido pagos proporcionalmente à sua fluência em sinais, e não de acordo com sua prática de excelência em sala de aula.

Antes da publicação do relatório do presidente Gallaudet, sobre sua visita às escolas europeias de articulação, foi publicado em 1867, a ideia de ensinar aos surdos a falarem tinha pouco incentivo na maioria das instituições americanas. Os argumentos em favor deste tipo de instrução eram ridicularizados e combatidos. O modo antigo de ensino, não era simplesmente o melhor: era o único. Novos professores e dirigentes das instituições tinham que seguir os passos de seus predecessores. Eles tinham que jurar fidelidade às tradições do velho *régime*, do contrário, qualquer esperança de ingressar nos recintos sagrados lhes seria negada. Apresentado como um auxílio temporário para a aquisição da língua escrita, e a ser descartado quando não mais fosse necessário, o ofício dos sinais nos mecanismos e economia da instrução foi potencializado e seu lugar elevado de servo do sistema, engrandecido e ferrenho, até tornar-se o próprio sistema e, como tal, com suas vantagens e lugar de prioridade, ter de ser adotado

por qualquer um que desejasse ensinar aos surdos-mudos como usar a língua de seu país. O que remete à história contada por Longfellow em *Hyperion*, acerca da esposa do vigia da torre em Warblingen, que engordou de tal forma que não cabia mais nos corredores estreitos das escadas. E quando seu marido faleceu, seu sucessor foi forçado a casar com a viúva obesa na torre.

Quando relegamos aos sinais o lugar de subordinação, ao qual eles propriamente pertencem, e concedemos ao alfabeto e à língua escrita a proeminência e o efeito que lhes são atribuídos, pode-se esperar resultados mais satisfatórios. E os que aderem à outros métodos ou sistemas terão menos fatores, do que têm agora, para criticar no nosso, à medida em que se percebam compelidos a compará-lo com o método oral puro, para reconhecer – o que cremos ser verdade – que aquele é superior e pode ser aplicado com sucesso na educação de todos os surdos-mudos, sem que se exclua ninguém.

| CRediT |
|---|
| Reconhecimentos: Não é aplicável. |
| Financiamento: Não é aplicável |
| Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito. |
| Aprovação ética: Não é aplicável |
| Contribuições dos autores: Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: NASCIMENTO, Gabriel Silva Xavier. |
| Conceitualização, Administração do projeto, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição: RODRIGUES, José Raimundo; VIEIRA-MACHADO, Lucylene Matos da Costa. |